Quem foi von Foerster, afinal?

[Cecchin G.](https://cepa.info/?query=%22Cecchin%20G.%22&in=authornames), [Barbetta P.](https://cepa.info/?query=%22Barbetta%20P.%22&in=authornames) & [Toffanetti D.](https://cepa.info/?query=%22Toffanetti%20D.%22&in=authornames) ([2005](https://cepa.info/?query=y:2005))

[Kybernetes](https://cepa.info/?in=source&query=%22Kybernetes%22) 34(3/4): 330–342.

[Fulltext at https://cepa.info/6309](https://cepa.info/6309)

**Objetivo**: O que é terapia? Qual seria a resposta de Heinz von Foerster hoje? Os autores tentam desvendar o mistério de uma resposta resultante de uma conversa entre eles. Eles acham que Heinz von Foerster, como Gregory Bateson, foi um dos filósofos mais influentes da terapia[[1]](#footnote-1). No artigo, eles analisam algumas palavras-chave muito básicas - como máquina trivial, devir humano - e conceitos-chave - como “ampliar o campo do possível” - para entender se existe uma ordem ou um objetivo em fazer terapia.

**Design / metodologia / abordagem** - O artigo é um confronto entre epistemologia e terapia. O truque é que, diferentemente de von Foerster, os autores são terapeutas. Portanto, a conversa deles provavelmente não será confiável. Mas geralmente os terapeutas, ao fazerem terapia, não procuram confiabilidade. Eles tentam ser responsáveis, o que é uma questão diferente.

**Resultados**: Provavelmente a terapia é um jogo de linguagem. Se sim, o jogo de linguagem da terapia é um truque sem truques. Um mapa em uma terra estranha. Essa pode ser considerada a principal descoberta que se segue do pensamento de von Foerster. Implicações práticas: No entanto, um mapa tão errado às vezes pode ajudar quem está perdido, desde que mapa e território nunca sejam a mesma coisa.

**Originalidade / valor** - O valor original do artigo é, antes de tudo, que pode ser considerado o último ensaio escrito por Gianfranco Cecchin antes de sua morte. No último período de sua vida, Cecchin estava considerando e soando uma nova perspectiva para a terapia. Pietro Barbetta e Dario Toffanetti estavam trabalhando com ele na terapia e teoricamente para encontrar novos quadros para terapias na era pós-moderna.

**Palavras-chave**: cibernética, ética.

**A verdade é a invenção de um mentiroso**

Todas as idéias científicas - por exemplo, a idéia de que sempre que existe um diagnóstico, há também uma síndrome e, portanto, que certos eventos relacionados à síndrome ocorrerão e que, se eu administrar certos medicamentos, outros eventos previsíveis acontecerão - são científicos em seu raciocínio. São uma tentativa milagrosa de fazer o mundo parecer comum. Geralmente pensamos dessa maneira, acreditando firmemente que essas idéias maravilhosas existem no mundo real, independentemente de nós, das pessoas que as inventam.

Segundo von Foerster, o importante é não acreditar nisso. Se você acredita que essas ideias são verdadeiras, você é um mentiroso.

Uma máquina trivial não é apenas uma máquina previsível; é também uma máquina que deseja saber quais são as consequências de suas ações. O discurso científico é assim. A ilusão da ciência reside em sua tentativa de organizar a si mesma e ao mundo externo de uma maneira trivial, isto é, previsível. Ao fazer isso, oferece a ilusão de que você pode ter controle (total) sobre os eventos da vida. Esse controle nos tranquiliza, por um lado,sobre a impotência epistemológica (total) da ciência; por outro, comete o pecado cardinal da arrogância, aquele que os deuses gregos consideravam extremamente irritante. Em outras palavras, se você faz um movimento em um jogo que possui regras claras e fixas, sempre obterá a mesma resposta; se você não receber a mesma resposta, deve haver algo errado com o jogo, pois ele está dando a resposta errada.

Von Foerster substitui essa idéia pelo conceito de devir humano Os seres humanos estão sempre em um estado de devir (de vir a ser). Suas histórias são abertas, sempre inacabadas. Nesse tipo de movimento contínuo, a ideia de organizar a realidade ao nosso redor, de torná-la previsível, de tentar usar o que aconteceu antes para saber o que acontecerá a seguir, começa a fazer sentido. O pensamento linear - e, portanto, a idéia de que eu posso influenciar as coisas do mundo e como outros seres humanos se comportam - também começa a fazer sentido. Isso é o que chamamos de "verdade" no Ocidente. Segundo von Foerster, esse tipo de discurso é falso porque afirma que os eventos são previsíveis e, implicitamente, que encontrou a fórmula que lhes permite ser replicada (levando em consideração Popper?). Von Foerster também afirma ter descoberto as leis inalteráveis ​​da existência, o que significa que o mundo pode ser organizado da maneira que se deseja. Von Foerster diz que isso é mentira. Ou uma ilusão. Talvez a melhor maneira de dizer isso seja: "A realidade é a invenção de um sonhador". Mas isso ainda seria uma descrição muito banal.

Alguém que vive uma ilusão (do latim: *in*, sobre e *ludere*, brincar) obedece às regras do jogo, mas o jogo nunca é individual. Como Wittgenstein (1953) apontou, o jogo é sempre social. O jogo da linguagem nunca é individual, é sempre social. Então, poderíamos dizer que a realidade é a ilusão de um grupo social. E é a ilusão de poder que mantém o jogo sob controle.

Quando criança, von Foerster realizou proezas mágicas inventadas com seu primo, e os dois jovens ficaram encantados quando observaram como os adultos ficavam impressionados com suas habilidades mágicas. É curioso vê-lo tão claramente em desacordo aqui com as crenças das crianças sobre o mundo adulto; por exemplo, a crença de que a verdade existe. A afirmação "A verdade é a invenção de um mentiroso" segue-se a isso.

Lemos sobre um experimento realizado por sociólogos em um grupo de estudantes universitários. Eles anunciaram que um serviço de aconselhamento acadêmico para estudantes seria criado para ajudá-los a decidir sobre exames e cursos. Em seguida, eles abriram um escritório com uma pessoa treinada para responder perguntas de maneira aleatória. Disseram aos alunos que só podiam fazer perguntas de "sim" ou "não", e a pessoa que tinha que responder - presumivelmente um conselheiro profissional - olhava para uma tela com luzes vermelhas e verdes que acendiam aleatoriamente. Quando a luz verde acendia, o “conselheiro” tinha que responder “sim”; se fosse "vermelho", ele ou ela teria que responder "não". Era absolutamente proibido ouvir o que os estudantes estavam realmente dizendo. O experimento parecia funcionar muito bem. Os alunos fizeram as perguntas, o “orientador” respondeu aleatoriamente “sim” ou “não” e os alunos decidiram o que isso significava e fizeram mais perguntas. Em suma, eles pareciam gostar desse tipo de aconselhamento.

À primeira vista, isso parece uma conversa, que, pelo menos por parte do "conselheiro", elimina o significado, mas o que ela realmente faz é apontar para a influência do contexto sobre como as perguntas são feitas e respondidas. Os alunos encontraram significado nas respostas “sim” e “não”, enquanto o “orientador” dava aos seres humanos respostas “sim” ou “não” dependendo de a luz verde ou vermelha acender, não atribuindo nenhum significado ao “sim” ou ao “não." Mas os estudantes que foram até lá para esse tipo de aconselhamento atribuíram significado às respostas que receberam. Esse experimento parece nos dizer que a ilusão de saber em que direção estamos indo - mesmo quando isso parece totalmente equivocado do ponto de vista de um observador externo - nos ajuda a decidir o que fazer.

Outra história, que aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial, diz respeito a algumas tropas austríacas que haviam perdido o rumo no planalto de Asiago durante uma tempestade de neve. Eles não sabiam o caminho de casa e a neve estava pesada, por isso era imperioso agir. Então, um dos soldados retirou um mapa, dizendo: "Encontrei um mapa que nos tirará daqui, um mapa dessa área, o planalto de Asiago". Eles começaram a andar e acabaram no lugar certo. O comandante perguntou-lhes como haviam conseguido encontrar o caminho e disseram que tinham um mapa. Mas era um mapa falso, um mapa dos Pirineus. Só funcionou porque os soldados acreditavam que era um mapa verdadeiro.

Poderíamos ser românticos e chamar tudo isso de "confiança". Mais cinicamente, poderíamos chamá-lo de "poder da sugestão". Mas, em nosso trabalho como terapeutas de família, é melhor pensar romanticamente. Por outro lado, devemos sempre ter planos. De certa forma, como diz Foucault (1971), a ciência é uma busca pelo que é certo ou não, pelo que é verdadeiro. Sempre devemos ter um mapa - mesmo que não seja e nunca possa ser - o caminho certo.

Isso é muito parecido com o que Umberto Eco diz sobre literatura - que se preocupa com o princípio da confiança, não com o princípio da verdade. Quando lemos um romance, confiamos que seu autor esteja nos dizendo a verdade, não no sentido em que confiaríamos ao autor nossas vidas, mas no sentido em que acreditamos que ele está nos dizendo a verdade. Entramos no modo de pensar, na narrativa, na história do autor, construindo um mundo possível ao lado do romance. Construímos uma história, um texto virtual, ao lado do texto escrito.

Como podemos nós, terapeutas profissionais, usar essas idéias em nosso trabalho? Bem, uma família vem até você, você fala, e pelas perguntas que você faz, elas constroem um conjunto de possibilidades ou fantasias. Estes são mapas de território desconhecido que são válidos enquanto as pessoas falarem sobre eles. O importante é falar sobre eles. Talvez essa seja uma definição de diálogo, algo que dura tanto quanto o que as pessoas estão falando e depois desaparece. Nesta perspectiva, a terapia é uma questão de contar histórias, que têm reviravoltas, e duram enquanto as pessoas falam sobre elas. A terapia é evanescente: agora você a vê, agora você não a vê mais.

Se, como terapeuta, você se envolve em um modelo que afirma ter alguma relação direta com a "verdade", o modelo se torna realidade e a realidade o derruba. O modelo é útil apenas até se tornar realidade.

**Qual é o propósito da terapia?**

Como isso se encaixa no resultado da terapia? Se a terapia é realmente uma conversa evanescente que só dura o tanto de uma sessão, o que acontece após a sessão?

Temos que reconhecer que, se a terapia vai bem, é porque as pessoas envolvidas constroem um mapa, um projeto que as faz se sentirem bem. Muitas vezes, esse projeto não pode ser descrito, no sentido de que as pessoas envolvidas não estão em condições de descrevê-lo.

Vejamos um caso pelo qual Gianfranco já foi encarregado. Depois de algumas sessões, ele relutou em perguntar ao casal: "Como pode você estar se sentindo melhor?", Mas ele percebeu que isso era porque a pergunta dele estava realmente pedindo para que o casal lhe explicasse o mapa.

O marido não queria ter filhos; sua esposa era polonesa Gianfranco suscitou uma série de fantasias sobre o tema de que um homem não podia ter filhos com uma mulher como ela, que veio da Polônia. O marido, que provavelmente se sentiu provocado, disse: “Que tipo de ideia é essa? O que a Polônia tem a ver com isso? ” No entanto, essa fantasia sobre biologia e raça pode ter surtido efeito. De fato, muitas outras fantasias poderiam ter sido tecidas em torno da ideia de que ele não queria ter filhos com ela.

Durante a próxima sessão, os dois disseram que se sentiam um pouco melhor, e o marido disse que estava disposto a ter filhos com ela. Eles haviam esquecido completamente o que havia sido dito durante a sessão anterior. Eles nem sequer conversaram sobre isso. Então Gianfranco não fez mais referência ao porquê do casal se sentir melhor. Ele não queria insistir nas velhas fantasias biológicas porque percebeu que elas eram válidas apenas enquanto o casal falasse sobre elas.

Como na vida cotidiana, as pessoas em terapia esquecem as coisas. Se você perguntar "Por que esse ou aquele evento aconteceu?" eles costumam responder "não sei". Os terapeutas sabem? Eles têm suas idéias, certamente, quer as afirmem abertamente, ou não. Os terapeutas brincam com suas próprias idéias e com os de seus clientes, sem acreditar que eles próprios são mais ou menos válidos que as de seus clientes. Seu objetivo é facilitar o discurso, talvez de um tipo totalmente oposto ao discurso dominante da família (Foucault, 1966). Mais importante, eles fingem não se preocupar com o efeito que suas idéias podem ter no resultado do discurso.

Pietro relembra um caso em que parecia haver um segredo não descoberto. A princípio, parecia que não havia maneira de romper o impasse. O pai era um médico que lera os *Jogos da Família* de Selvini Palazzoli - que é um livro didático na escola de Pietro - lera o livro tantas vezes que ele o sabia de cor. Ele continuou repetindo que sua família estava envolvida em um jogo psicótico, e Pietro, que não conseguia se lembrar dos detalhes do livro, estava enfrentando dificuldades com a situação. De acordo com a equipe, ele decidiu não competir com o médico numa disputa para ver quem conhecia melhor a literatura sobre terapia familiar, e simplesmente continuou a conversa, não apenas com o médico, mas também com os outros membros da família que, como o próprio Pietro, não estavam familiarizados com as idéias de Selvini Palazzoli.

A certa altura, depois de seis ou sete sessões, os familiares disseram que se sentiam melhor e que se falava em concluir a terapia, mas o pai disse: “Quero outra sessão. Está tudo melhor agora, está tudo bem, mas quero outra sessão. " Perguntamos: "Por que você deseja outra sessão?" e ele respondeu: "Porque eu quero saber o que vocês disseram um ao outro por trás do espelho, que estratégias vocês usaram para nos fazer sentir melhor." O problema era que ninguém na equipe sabia como responder à pergunta.

Nesse caso, o terapeuta era o mapa dos Pirineus. Você pode usar qualquer mapa para sair do buraco em que está. O pai estava dizendo: “Me sinto melhor, vim aqui para conversar com você. Agora você deve me dizer o que você inventou, o que você fez.

A opinião de Gianfranco era que ajudaria esse tipo de pai ser convidado por trás do espelho para conversar com a equipe, para que ele percebesse que tudo o que os terapeutas tinham a dizer poderia ser totalmente sem sentido para ele.

Mas há um grande obstáculo aqui. Como terapeutas, partimos da ideia construcionista de que os princípios que usamos sempre devem ser totalmente não autoritários, e, no entanto, os resultados obtidos com a terapia estão ligados à personalidade do terapeuta. Como as duas idéias podem ser reconciliadas?

Por um lado, se o terapeuta é o mapa - qualquer tipo de mapa e, portanto, um ser um tanto mágico - e se é o cliente quem decide o significado das ações do terapeuta, quem é responsável por quê em termos de resultado? Por outro lado, se escolhermos ser totalmente não autoritários, como podemos julgar os resultados? Os resultados com os quais estamos lidando aqui não estão mais intimamente relacionados à força da personalidade do terapeuta do que à técnica? Todos nós usamos a técnica em maior ou menor grau. Uma técnica é sempre uma técnica, independentemente de ser você, eu ou alguém que a usa. Enquanto aqui o cliente parece pensar que somos mágicos. Lembramos novamente von Foerster quando criança, brincando de ser um mágico com adultos. É interessante ver quão claras as origens de seu pensamento se tornam quando suas idéias são aplicadas à psicoterapia. Houve um tempo em que isso nos parecia impossível e, no entanto, existem muitos exemplos anteriores disso na terapia familiar. Por exemplo, Milton Erickson era um "mágico" - ele nunca transmitia suas técnicas diretamente, além daquelas relacionadas à sugestão hipnótica - e sua "mágica" era parte integrante de sua maneira de fazer psicoterapia. No caso descrito anteriormente, o pai provavelmente não queria acreditar que nenhuma "mágica" estivesse envolvida. Ele precisava de mágica para entender o resultado. Achamos importante que os terapeutas também não acreditem nisso.

**O poder desgasta as pessoas que pensam que o têm**

O perigo de todos os relacionamentos humanos é que eles podem cair na armadilha de se tornarem relacionamentos de poder. E, no entanto, as pessoas vêm até nós e nos dão, se não o poder, então um poder. Quando isso acontece, fazemos todo o possível para demolir o poder, manter um equilíbrio e evitar entrar no jogo do poder. Gianfranco escreveu em várias ocasiões sobre "poder e significado". Ele diz que as metáforas do poder, da guerra e da estratégia eram frequentemente usadas na terapia familiar. Agora ele propõe uma abordagem na qual as pessoas não necessariamente entram em relacionamentos através do poder. Sua nova idéia é que os seres humanos entrem em relacionamentos para dar sentido às suas vidas. Como isso nos liberta do poder? Qual a diferença da imagem? Talvez seja diferente porque o significado que dá à vida é muito mais complexo que o poder.

A noção de que tudo está organizado em torno do poder é apenas um dos muitos significados que podem ser dados à vida. Todo esse debate decorre agora da famosa diferença de opinião entre (Gregory) Bateson e (Jay) Haley[[2]](#footnote-2). Haley disse que os seres humanos se reúnem por razões de poder, e Bateson respondeu: "Eu não acredito na metáfora do poder, porque é uma metáfora que corrompe". No entanto, é preciso reconhecer que Haley era um terapeuta muito mais bem-sucedido. Bateson não influenciou muitos terapeutas, além da escola de Milão, e muitos dos estudantes que vêm a Milão para aprender a fazer terapia geralmente partem com alguma noção de poder em suas cabeças. O poder é uma ideia poderosa. Isso tem que ser reconhecido.

A hegemonia do poder é, antes de tudo, cultural. Você quer ser terapeuta porque quer ajudar as pessoas. Se você puder encontrar uma fórmula que impeça as pessoas de se comportarem de certa maneira - por exemplo, de forma autodestrutiva - e ajude-as a se comportar de maneira mais positiva, você será bem-sucedido. Essa é a missão de todos os terapeutas, mas parece tão preocupante quanto a descrição da "verdade" que demos um pouco antes.

Watzlawick diz que os terapeutas intervêm na vida das pessoas para alcançar um resultado. Às vezes, essa intervenção é bem-sucedida e esse sucesso convence as pessoas de que o método usado particularmente no caso deles era o correto, o verdadeiro. Mas achamos que essa ideia oculta uma forma de autoritarismo não ecológico

Gostemos ou não, o conceito sistêmico de Bateson diz que a força de um sistema está dentro do próprio sistema, então seu conceito nos ensina que o poder corrompe. Você não precisa necessariamente concordar com essa idéia - é, como diria von Foerster, apenas uma das muitas maneiras de explicar o que se observa - mas é o conceito de Bateson. Não há receitas para todas as ocasiões. Se você acha que a idéia de poder está sempre errada, transforma o conceito sistêmico em uma espécie de sermão moral. E, com efeito, a moralidade que os terapeutas usam é muito superficial. Para nós, ouvir uma pessoa dizer "me sinto bem" é melhor do que ouvir uma pessoa dizer "me sinto mal" e, nesse sentido, pensamos que a metáfora do poder aumenta a possibilidade de as coisas correrem mal. Dizemos "mal" para evitar falar sobre "corrupção". No entanto, nem mesmo o próprio Bateson era perfeito. Ele tinha um certo traço puritano nele, um toque de britânico. Havia algo de moralista nele. Mas talvez o que Bateson quis dizer seja que, se você usar apenas a metáfora do poder, é mais provável que ela se associe à metáfora da corrupção.

Voltando ao desacordo de Bateson com Haley, um dos problemas de Bateson foi que a maioria das pessoas que pesquisava com ele na época tinha essa ideia de poder. Hoje poderíamos dizer, parafraseando um famoso político italiano que o poder desgasta você, mas apenas se você vir as coisas exclusivamente em termos de poder. Por outro lado, poder não é uma atitude individual; é uma construção social genuína. Alguém aparece e lhe dá poder. A tentação de usar o poder por si só também é bastante forte na terapia. Então, quando alguém nos dá poder, fazemos o possível para destruir este poder. Não queremos nos desgastar, não queremos ser corrompidos. É um tipo de exercício para evitar o esgotamento. Agora vamos ver de que outras maneiras podemos ler um relacionamento que os terapeutas obcecados pelo poder veem exclusivamente em termos de poder. Um pai diz à filha: "Pergunte à mamãe onde ela foi ontem à noite". Ele não pergunta diretamente. À primeira vista, isso parece “a corrupção de um menor” e podemos pensar que a corrupção é endêmica nessa família em particular porque seus membros estão usando um ao outro: “Eu quero algo da mamãe, então estou pedindo que você vá e pergunte a ela. . ” Se aceitarmos o imperativo categórico de Kant de que devemos ver o outro como um fim e nunca como um meio, podemos apenas condenar esse tipo de corrupção familiar. E, no entanto, também precisamos perguntar se é realmente possível aplicar o imperativo kantiano à vida cotidiana.

Vamos fazer outra abordagem sobre esse pai. Em vez disso, vamos vê-lo como um pai que está tendo problemas para conversar com a esposa e, portanto, precisa da ajuda da filha. Essa é uma interpretação diferente: o episódio é o mesmo, mas tem outro significado. Por que deveria necessariamente ser visto como corrupção? Por outro lado, poderíamos juntar as duas histórias se estivermos preparados para aceitar que “corrupção” não é necessariamente uma palavra ruim. Se o fizermos, temos um pai que está tendo problemas para conversar com a esposa e é forçado a corromper a filha para continuar.

Mas terapia é esse equilíbrio pendular entre significados. Em vez de usar a palavra "corrupção", poderíamos dizer que o pai precisa pedir ajuda à filha. Ao fazer isso, criamos um contexto em que o pai começa a mudar a direção da conversa com a filha: "Olha, eu tenho problemas com sua mãe, eu simplesmente não consigo falar com ela. Você vai me ajudar? Você vai falar com ela? Não posso, me sinto estranho. " E a filha sempre pode dizer: "Isso é um problema seu. Você deve resolver seus problemas com sua esposa. Talvez você deva tentar terapia”. Se a filha responder assim, não haverá mais questão de corrupção.

**O imperativo de von Foerster**

Von Foerster (1982), como Kant, propõe um imperativo ético - "Aja sempre para aumentar o número de opções" - mas o imperativo dele tem a vantagem prática de que, se você descrever o mesmo fenômeno de maneiras diferentes, criará palavras possíveis, isto é, o significado é construído de várias maneiras, resultando na famosa polifonia de que fala Bachtin (1981).

Assim, posso descrever o fenômeno do pai que diz à filha “Vá e pergunte à mamãe onde ela foi ontem à noite” como um exemplo de corrupção, como um triângulo perverso, como um pai pedindo ajuda à filha, como uma piada de carnaval, ou de várias outras maneiras.

Pensando racionalmente, inventa-se diferentes hipóteses. Na América, a situação pode ser vista mais como um triângulo perverso, porque Haley é muito influente lá, enquanto em Viena, onde Freud tem sido influente, pode ser vista como mais edipiana. Diferentes culturas encontrarão maneiras diferentes de descrever a situação. Em algumas, pode ser descrito como patogênico e, portanto, deve ser evitado; em outros, pode ser visto como um mecanismo de ajuda e solidariedade mútuas. Isso significa aceitar o imperativo de von Foerster de aumentar suas opções, ou seja, é isso que eu vejo, mas o que isso pode significar em diferentes circunstâncias, situações diferentes, culturas diferentes?

Uma vez nós três propusemos "Construtivismo / construcionismo e moralidade" como tema de uma conferência porque tínhamos a impressão de que a moralidade está sempre à espreita na porta dos fundos da terapia, porque os terapeutas têm vergonha de deixá-la entrar pela porta da frente. Temos medo de ser considerados moralistas, mas esse terror em si não é uma postura moral? Estamos até relutantes em discutir moralidade. Dançamos um minueto em torno da questão: clínica e teoricamente, sempre estamos perplexos com isso. Isso se deve à idéia agora difundida de que devemos evitar aconselhar as pessoas, ou seja, evitar a moralização. Nosso preconceito é que insistimos que as pessoas pensem por si mesmas. Enquanto isso, damos a eles muitas opções, algumas "morais", outras não.

Vamos voltar ao nosso exemplo do pai "corruptor" e considerar questões circulares típicas como "Você acha que seria prejudicial para sua filha se ela fizesse à mãe uma pergunta como essa?", Que também poderia ser uma questão moralista ; ou “Você acha que sua filha está feliz por você pedir a ela que peça à mãe? Você acha que isso a faz se sentir mais importante? ”, que de certa forma é edipiano; ou "Você acha que a garota se sente mais importante porque você lhe dá esse trabalho?" As opções que oferecemos também podem parecer imorais. Por exemplo, podemos dizer isso, no fundo; esse pai ama a filha e diz todas essas coisas para estar perto dela. Ou que ele não se importa com o que a mãe faz: pode ser apenas uma maneira de conversar com a filha, de convencê-la a contar seus segredos; ou (já que ele é muito tímido) que ele simplesmente não sabe sobre o que conversar com a filha, então ele fala sobre a mãe dela, vendo que ela gosta muito dela.

Em suma, a idéia é desenvolver a imaginação em várias direções (sejam morais, imorais ou amorais), incentivar a narrativa imaginativa com o objetivo final de gerar algum tipo de ressonância entre as próprias pessoas e todas as coisas que dizemos. Uma ressonância que diz: “Esta é a escolha certa. O que é verdade hoje, nesta semana, no período em que o cliente está vivendo no momento. “

"Verdadeiro hoje" significa evanescente. Isso significa que funcionou como diálogo quando o pai estava levando a filha, a mãe, o terapeuta e o mundo exterior. Funcionou naquele momento, por um momento.

O terapeuta construiu novos conhecimentos, e o significado desse novo conhecimento está relacionado à possibilidade de controlar a realidade. Este é o conhecimento / poder de Foucault.

Segundo Maclntyre (1984), o imperativo kantiano "Tratar todos como um fim, não como um meio" é totalmente impraticável porque é impossível entrar em relacionamentos que não são manipuladores com outros seres humanos.

De fato, pode-se concluir que a idéia de Kanf deu origem a um tipo de rigidez moral que tem sido uma característica de algumas formas de totalitarismo moderno. À luz do pensamento pós-moderno, o resultado da filosofia de Kant certamente parece desconcertante, mas como é que esta filosofia vai adiante? Bem, se é verdade que não podemos deixar de manipular outros seres humanos, pelo menos a outra pessoa deve ser colocada na posição de saber e aceitar isso. Se eu tratar outra pessoa como um meio sem primeiro pedir sua permissão, minha ação é imoral. Mas talvez minha ação seja igualmente imoral se eu a tratar como um fim sem pedir permissão primeiro. Isso lembra a história do escoteiro que obriga uma senhora a atravessar a rua com ele porque sabe que precisa fazer uma boa ação por dia. Os bons sentimentos e o bem moral estão sendo abusados ​​aqui, à parte os abusos mais clássicos que surgem dos maus sentimentos. É apenas que o abuso de bons sentimentos é mais desarmante; nem sempre o reconhecemos pelo que é, ou sabemos como lidar com isso.

Uma esposa pode dizer: "Este marido está bem porque é útil para mim. Ele ganha dinheiro e me dá filhos, e eu quero ser útil para ele também. Quero ser muito carinhosa e fazer tudo por ele, mas ele também é útil para mim. Há vantagens em tê-lo como marido.” E o marido pode dizer: “Essa mulher também é útil para mim, porque é uma boa mãe. Eu me beneficio dela porque ela cuida de mim em casa e também é uma mulher bonita. " Ambos dizem conscientemente: "Estou usando a outra pessoa, mas de maneira positiva. Nós manipulamos um ao outro, mas de uma maneira positiva.” Como terapeutas, podemos criticar isso, mas nosso ponto de vista seria externo, autoritário. Do ponto de vista interno, se os dois acham que é uma troca mútua, a atitude deles é correta. Somente quando não há reciprocidade é que se torna um problema, uma forma de abuso. Podemos até ficar escandalizados com o que eles dizem. No entanto, nossa opinião é que uma fonte de loucura é a idéia louca de que devemos sempre tratar a todos como um fim e não como um meio. Maclntyre ainda afirma que o empresário e o terapeuta são duas figuras morais-chave dos tempos modernos, porque encontraram uma saída para esse dilema moral. Como diz Hannah Arendt, a deles é uma *vita activa*.

**Então, o que é um terapeuta?**

If a therapist asks “What use is your husband/wife to you?,” people are a bit surprised because they are used to think that a man and a woman marry for love. But if we say “Forget about what you do for love, tell me what use s/he is to you,” it is interesting to see them realising that, deep down, they do consider their partner a means. With “he’s useful to her and she’s useful to him” you have a balance of usefulness, but if one of the two has married the other for love, the usefulness may end up being one-sided. As often as not – almost always, in fact – this is what happens to women.

In Ancient Greek the word “service” has the same root as “therapy.” According to Foucault, “therapy” meant “service” in three different ways in late Antiquity: a servant who serves a master; a person who helps another person; and service in the medical sense. In the modern age, “therapy” is seen as being at the service of a system that needs unblocking, a system stuck in a form of psychosis or madness. A system, which the therapist tries to unblock using dialogue. Thus, the therapist is at the service of a system that seems to have stopped evolving, i.e. is no longer inside life.

Se um terapeuta perguntar: "Qual é a utilidade de seu marido / esposa para você?", As pessoas ficam um pouco surpresas porque costumam pensar que um homem e uma mulher se casam por amor. Mas se dissermos “Esqueça o que você faz por amor, me diga qual é a sua utilidade”, é interessante vê-los percebendo que, no fundo, eles consideram seu parceiro um meio. Com "ele é útil para ela e ela é útil para ele", você tem um equilíbrio de utilidade, mas se um dos dois se casar com o outro por amor, a utilidade pode acabar sendo unilateral. Na maioria das vezes - quase sempre, de fato - é isso que acontece com as mulheres.

No grego antigo, a palavra "serviço" tem a mesma raiz que "terapia". Segundo Foucault, “terapia” significava “serviço” de três maneiras diferentes no final da Antiguidade: um servo que serve um mestre; uma pessoa que ajuda outra pessoa; e serviço no sentido médico. Na era moderna, a “terapia” é vista como a serviço de um sistema que precisa ser desbloqueado, um sistema preso em uma forma de psicose ou loucura. Um sistema que o terapeuta tenta desbloquear usando o diálogo. Assim, o terapeuta está a serviço de um sistema que parece ter parado de evoluir, ou seja, não está mais dentro da vida.

A ideia de Von Foerster de ordem a partir do ruído está relacionada à questão de como os sistemas evoluem. Se o sistema terapêutico é co-evolutivo, segue-se que o ruído a partir do qual a ordem é construída é expresso na forma de diálogo. No entanto, muitos tipos de ordem podem ser construídos, e o que eventualmente é construído nunca pode ser previsto ou calculado com antecedência. O diálogo não diz de antemão qual é a solução. Então, digamos que os sistemas e os seres humanos também, estão em constante evolução. Como Shotter (2002) disse, eles estão posicionados no meio do caminho entre ordem e caos, mas assim que param de evoluir, tornam-se rigidamente organizados. Por outro lado, um sistema em evolução opera em diferentes níveis de ordem, mudando constantemente de um para o outro à medida que continua mudando. Ele nunca fica preso em uma ordem fixa, portanto está sempre em um estado de devir.

Von Foerster diz que sistemas humanos não saudáveis ​​são sistemas bloqueados e, no entanto, a ideia de bloqueio está incorporada em toda a linguagem que usa o verbo "ser". Para descrever as pessoas, chamamos-lhes **seres** humanos, não **devires** humanos. Nossos jogos de linguagem bloqueiam o sistema porque nossa visão “essencialista” das coisas tira uma fotografia, e a fotografia bloqueia o sistema, congela-o como está. A imagem de um filme, um filme, é muito mais útil. Como uma série de fotografias, o filme resume nossa idéia do que são sistemas. De vez em quando, o filme agarra, e é aí que vemos famílias bloqueadas e apreendidas.

"Agarrar" tem muitos significados. Como verbo, podemos usá-lo em expressões como o sistema preso e seguir o caminho, que são metáforas da rigidez. Da mesma forma, os antigos romanos (Pakman, 2003) insistiam que os camponeses deveriam grudar no sulco (leira) quando lavrassem. Não fazer isso resultou em des-lírio (des-leira) (delírio), um desvio do caminho predeterminado.

Isso também pode ser descrito em termos teatrais. Um script é dividido em atos. Durante a apresentação, ato segue ato até que a peça termine. Quando os terapeutas veem uma família, eles a veem em um determinado momento durante a apresentação, digamos no Segundo Ato. O problema é que, quando uma família faz terapia, seus membros ficam presos - Segundo Ato, por exemplo. Eles sobem ao palco e repetem o Primeiro Ato, sempre da mesma maneira ou talvez até pior do que antes. Casais sempre repetem as mesmas coisas, o script é sempre o mesmo. Eles precisam de alguém de fora que possa lhes dar opções e, portanto, aumentar suas possibilidades - alguém que possa injetar um pouco de delírio em suas vidas.

Essa é a noção de terapeuta como co-autor, alguém que trabalha com o casal ou a família para reescrever um roteiro para o futuro. Por outro lado, cada sistema humano escreve sua própria história, não é interpretada por outros. Um terapeuta não é alguém que dá ordens às famílias sobre que tipo de roteiro elas devem ter. O objetivo é facilitar a criação das novas possibilidades de que von Foerster fala, e isso é feito com perguntas - perguntas circulares e auto-reflexivas que fortalecem e estimulam a imaginação.

Em nossa opinião, a arte que aprendemos reside primeiro em evitar o uso do verbo "ser" no presente indicativo, tanto quanto possível - não apenas "ele é esquizofrênico", "ele é um agressor", "ela é anoréxica", mas também "você é estúpido", "você é mau". Em segundo lugar, consiste em evitar o uso de conceitos causais e lineares, ao contrário da maioria das conversas no Ocidente, sobre quem causou o quê, quem fez um filho "esquizofrênico", uma filha "anoréxica" ou "lésbica" etc.

**Ser e tornar-se (vir a ser, devir)**

Como o determinismo estrutural pode ser reconciliado com a ampliação do leque de possibilidades? Pensamos que a "causa" de todo pensamento causal é o verbo "ser". Em hebraico, o presente indicativo do verbo “ser” não é usado na terceira pessoa do singular. Isso é o que Aristóteles chamou de "primeiro motor imóvel". O conceito de causalidade - com todas as suas derivações - é atribuído a algo não humano, algo poderoso demais para ser atribuído aos seres humanos.

Para o povo da Antiguidade, apenas deuses poderiam ser "causas"; os seres humanos eram simplesmente jogados no mundo e, em certo sentido, tinham um destino a cumprir. Por outro lado, nossos conceitos modernos de educação e criação de crianças foram moldados pela crença de que o comportamento e o caráter humano podem ser alterados, tornados "bons" - qualquer pessoa que se recusa a ser alterada por sua educação torna-se "ruim".

Os antigos sabiam melhor do que nós que duas idéias estão em operação aqui: a idéia de fluxo temporal - atribuída erroneamente a Heráclito - o que significa que tudo está mudando constantemente, e a idéia de ser estático, o que significa que cada existência é única, como Parmênides disse.

Nós, modernos, temos problemas em usar esses termos porque parecem opostos, e os opostos precisam ser reconciliados. Von Foerster diz que devemos ver coisas diferentes de diferentes pontos de vista e que as diferenças não precisam necessariamente ser reconciliadas. Nós, modernos, nem precisamos do verbo "ser". Não acreditamos mais que existe um criador. Pelo contrário, acreditamos que a idéia de um criador serve apenas como uma espécie de garantia espiritual. A idéia de um Deus onipotente é certamente tranquilizadora, mas nós, modernos, pensamos que é possível viver sem essa idéia. Separar o verbo “ser” da noção de “primeiro motor imóvel” promove a ilusão de que podemos nos tornar semelhantes a Deus. Quando a palavra "é" é falada, tudo pára, você se torna onipotente, porque "é" é a verdade. Na era moderna, sabemos onde está a verdade: a verdade está no ser, não no devir.

Voltando ao imperativo categórico de Kant, podemos perguntar: O que é, senão uma tentativa de estabelecer ontologicamente certa verdade através do raciocínio? Nem sempre os outros são tratados como fins, não como uma tentativa de estabelecer uma verdade moral? Mas a moral verdadeira também não é moral absoluta? Morais verdadeiras, independentemente do fato de vivermos nossas vidas relativamente, em relação aos outros?

Se aceitarmos que os terapeutas têm o direito de ficar curiosos, seria mais útil fazer perguntas diferentes, como:

Quem são as pessoas que interagem com esse ser humano?

Quantos deles existem (mãe, pai, empregador, filha)?

Quem o ouve?

Quem o vê?

Quem pode ouvir sua voz, apreciar o que ele faz?

O que ele significa significa para o outro ser humano?

Como ele usa o diálogo humano?

Como ele usa e se deixa ser usado pelos outros?

Pensamos que a última pergunta é libertadora, porque às vezes as pessoas perdem a paciência e dizem: "Todo mundo me usa!" As pessoas frequentemente sofrem porque se sentem acostumadas, sem nunca perceberem que também usam outras pessoas. Isso é uma falta de conhecimento: eles pensam que são vítimas de todos, enquanto que muitas vezes são eles que abusam de todos os outros.

Esta situação poderia ser substituída por um contrato saudável de exploração recíproca. Talvez estejamos um pouco cínicos, mas não é libertador pensar que as famílias e os sistemas humanos em geral evoluem através do uso que seus membros fazem um do outro? Analisando a questão desse ponto de vista, você vê que os avós são homenageados por serem sábios e dar conselhos, ou por terem dinheiro, ou por serem úteis aos netos e pais, e assim por três gerações.

Este é um exemplo de duas pessoas, ou um grupo de pessoas, usando-se reciprocamente. Se concordarmos com Wittgenstein de que o significado é estabelecido pelo uso, o uso um do outro não é um exemplo da construção social do significado compartilhado? Não é exatamente aqui que as pessoas começam a interagir? Quando eles se usam, as pessoas interagem umas com as outras e, quando elas interagem, os grupos humanos evoluem, ou seja, mudam porque, de certa forma, não podem ajudar na mudança. Então, a cada momento, algo está sendo construído, que não existia antes da interação. Isso é mediação entre conflito e diálogo. Conflito e diálogo não podem fazer tudo sozinhos, você precisa de ambos.

Para dar um exemplo cultural, as pessoas estão sempre falando sobre integração, por exemplo, a reconciliação do conflito entre negros e brancos nos Estados Unidos e, no entanto, a interação entre negros e brancos produziu novas formas culturais, como o jazz, que integra preto e branco. música. A música clássica européia e a música africana produziram algo que não é nem um nem o outro, mas é diferente. Negros e brancos se usaram, mas no caso do jazz a exploração foi produtiva, fértil, ou seja, eles produziram algo que achamos esteticamente agradável e adoramos ouvir. Do ponto de vista dos terapeutas, acreditamos que o uso que uma pessoa faz de outra pode ser descrito de uma maneira positiva e útil. Obviamente, as histórias nem sempre se desenvolvem dessa maneira; se o fizessem, não haveria razão para a terapia existir.

Também nos perguntamos até que ponto a posição do terapeuta está relacionada à antiga idéia de neutralidade. O terapeuta construcionista tem que tentar não adotar uma postura, por mais difícil que seja, às vezes, porque adotar uma postura significaria não tentar mais conectar como uma pessoa usa outra, e vice-versa. Em vez disso, haveria desconexão. A postura neutra não deve ser rejeitada, embora deva ser radicalizada: nunca deve tomar partido, nunca dizer que alguém está sendo muito usado, por exemplo. Em vez disso, o interesse deve se concentrar em observar como alguém está sendo usado e quais são as consequências disso, para entender por que algumas pessoas gostam de ser usadas de uma certa maneira, enquanto outras preferem ser usadas de alguma outra maneira. A questão é que, de uma maneira ou de outra, todos estão em posição de usar outra pessoa.

Pensamos que o exemplo da mãe e do filho recém-nascido resume o que estamos tentando dizer. Em nossa opinião, esse é um tipo fantástico de uso recíproco. A criança nasce e começa a gritar, como se dissesse: "Você deve me alimentar, mamãe, você está aqui para me servir". A mãe alimenta o recém-nascido e ele se acalma. À primeira vista, parece ser a criança que está dando as ordens, mas a mãe também está usando a criança para gratificar seu senso de poder. “Eu sou a mãe que gera. Além de produzir esse filho, também produzo leite para alimentá-lo, sou incrivelmente poderosa.” Quando outros vêm falar com ela, ela não se importa e diz a eles para irem embora porque foi ela quem criou esse uso recíproco. O infanticídio pode até ocorrer. Nesses momentos, o poder da mãe não parece mais funcionar. Pelo contrário, ela se sente impotente, incapaz de acionar esse incrível mecanismo de reciprocidade.

Muitos terapeutas pensam que é a mãe que age sem ambiguidade sobre a criança - a idéia é fundamental para a teoria do apego, por exemplo. No entanto, Benjamin (2002) observou mães que sofrem de depressão pós-natal interagindo com seus bebês e concluiu que um mecanismo importante de reciprocidade estava em ação entre elas. Às vezes, mesmo que a mãe não estivesse olhando para o bebê, o bebê reagia positivamente a ela e, por sua vez, provocava uma reação secundária positiva da mãe. Não acreditamos em mães que abandonam bebês como tal. Acreditamos que existem mães que, em um momento específico, abandonam seus bebês, mas podem se tornar mães que percebem que interagir com seus bebês é vantajoso para elas, porque aumenta o senso de poder. Não enxerga a realidade de seu poder, ela constrói uma realidade de impotência. Embora tenha alimentado o bebê, trocado as fraldas dele, etc., ela pensa que é inútil como mãe, tanto que abandona o bebê em um lixo ou até o mata.

A história poderia ser contada de outra maneira. Por exemplo, a mãe foi abusada por um homem que a estuprou e a engravidou. Ela dá à luz seu bebê. Então, o pai, a mãe e a irmã olham com desdém para ela e sussurram: "Você é uma mãe solteira. Você arruinou sua vida. Você foi com um homem que não se importava mais com você, que tem medo de ser pai, que foi embora e deixou você. ” Isso a leva sinceramente a acreditar que nunca quis o bebê e que provavelmente deveria matá-lo porque não pode usá-lo para demonstrar seu poder. Pelo contrário, o bebê é uma prova de seu infortúnio: "Eu não posso usá-lo, então eu o mato"

Mas por que ela acha que não pode usá-lo? Talvez porque tenha sido criado um contexto no qual ela não tenha essa autoridade, na qual ela não foi autorizada. Um contexto cuja ideia dominante é o fim, não os meios - "Por que não fui autorizada? Por que acredito que não fui autorizada? O que está por trás dessa idéia? As possíveis respostas para essas perguntas podem ser "Você é uma pecadora porque fez sexo antes do casamento" ou "Você não vale nada porque se deixou estuprar". Aqui, a mãe pode concluir que, como o bebê - um bebê nascido de estupro - é um fim e também um resultado de abuso, ele não pode realmente ser um fim e deve ser morto. O bebê não é um fim, mas o meio pelo qual sua reputação foi arruinada, pelo qual ela se transformou em uma mãe solteira, pela qual ela foi feita para odiar o mundo. "Como esse bebê não pode ter fim, eu o eliminarei”

Há outras situações, outras circunstâncias, nas quais uma mãe pode pensar em abandonar o bebê como uma maneira de salvá-lo, mas são extremas. E, no entanto, se ela conseguir, ela novamente demonstra seu poder. Quando foram deportadas para campos de concentração, algumas mulheres jogaram seus bebês pequenos dos trens em movimento porque sabiam que se os levassem a Auschwitz certamente morreriam. Jogando-os dos trens, eles diziam: "Ele pode morrer, mas alguém também pode encontrá-lo, levá-lo embora e trazê-lo à tona". Portanto, abandonar o bebê fazia sentido porque era uma reação simultânea de esperança e desesperança. Não havia alternativa, e ainda havia uma, a esperança de salvar a vida do bebê.

Outro exemplo são os lutadores kamikaze, que se matam para salvar a si mesmos, seu povo e até toda a humanidade. Aqui, são eles que se oferecem como um fim para o seu povo. Isso não é loucura? Se eles pensam que, para salvar seu pessoal, precisam conversar, iniciar uma conversa, encontrar alguma forma de mediação, não teriam se arriscado a parecer sãos? Talvez precisemos de outra ecologia da mente.

**Leitura adicional**

Arendt R. (1963) Eichmann in Jerusalem. A Report on the Banality of Evil,

The Viking press, New York NY.

Barbetta P. et al. (2003) Le radici culturali della diagnosi,

Meltemi, Roma.

Bertrando P. & Toffanetti D. (2001) Storia della terapia familiare,

Raffaello Cortina, Milano.

Cecchin G. (1992) The construction of therapeutical possibilities

in McNamee S. & Gergen K. (eds.) Therapy as Social Construction, Sage, London.

Eco U. (1984) Semiotica e filosofia del linguaggio,

Einaudi, Torino.

Eco U. (1994) Six walks in the fictional woods.

Harvard University, Norton Lectures: 1992–1993, Harvard University Press, Cambridge MA.

Foerster H. von &Glasersfeld E. von (1999) Wie wir uns erfinden, Carl-Auer-Systeme,

Heidelberg, Trad it. (2001) Come ci si inventa, Odradek, Roma.

Foucault M. (2001) L’herméneutique du sujet Cours au Collège de France (1981–1982)

Gallimard, Paris.

Kant I. (1956) Critique of Practical Reason, tr. By Lewis White Beck, Liberal Art press,

New York NY.

Selvini P. M., Cirillo S., Selvini M. & Sorrentino A. M. (1998) I giochi psicotici nella famiglia, Raffaello Cortina, Milano.

**Referências**

Bachtin M. (1981) The Dialogic Imagination,

University of Texas Press, Austin TX.

Benjamin L. S. (2002) Interpersonal Diagnosis and treatment of Personality Disorders,

Guildford Press, New York NY.

Foerster H. von (1982) Observing Systems,

Intersystems Publications, Seaside CA.

Foucault M. (1966) Les Mots et les Choses,

Gallimard, Paris.

Foucault M. (1971) L’ordre du discours,

Gallimard, Paris.

Maclntyre A. (1984) After Virtue. A Study in Moral Theory,

University of Notre Dame press IN.

Pakman M. (2003) Poetica e micorpolitica nelle pratiche di salute mentale: I margini invisibili.

In: Barbetta P., Benini P. & Naclerio, R (eds.) Diagnosi della diagnosi. Ricerca critico- interpretativa e categorie diagnostiche, Guerini, Milano.

Shotter J. (2002) Real presences – the creative power of dialogically-structured, living expression. Final draft for KCC 123 Conference, Canterbury, July.

Wittgenstein L. (1953) Philosophical Investigations,

Blackwell, Oxford.

1. os autores se referem à “terapia familiar”, isto é, de casais ou grupos familiares. [↑](#footnote-ref-1)
2. Na discussão sobre a teoria do duplo vínculo da esquizofrenia. [↑](#footnote-ref-2)